

O uso de charges enquanto recurso didático para o ensino de Geografia

Ykaro Felipe Sousa Silva

Secretaria de Estado da Educação de Goiás – Minaçu - Brasil
ykaro_felipe@hotmail.com

Welberg Vinicius Gomes Bonifácio

Universidade Estadual de Goiás – Unidade de Minaçu - Brasil
welbergvinicius@gmail.com

Resumo: O texto apresenta uma análise a respeito da utilização de charges como recurso didático-pedagógico nas aulas de Geografia de uma escola privada no município de Minaçu-GO. A justificativa do trabalho se dá, principalmente, por ser um assunto pouco abordado nas pesquisas sobre ensino de Geografia e dadas as possíveis contribuições desse recurso didático para a qualidade das aulas dessa disciplina, de modo a estimular um maior número de estudantes no processo de ensino e aprendizagem da Geografia. Esse trabalho é resultado de pesquisa e revisão bibliográfica feita *a priori* sobre o tema e, logo em seguida, pesquisa de campo que consistiu na aplicação de um questionário para os professores que ministram essa disciplina na escola campo de investigação. Foi constatado, durante a análise dos dados, que as charges podem ser consideradas instrumentos que contribuem para os processos didáticos pedagógicos para as aulas de Geografia, pois possibilitam que as aulas sejam mais dinâmicas, despertando, assim, o interesse dos alunos para os conteúdos trabalhados.

Palavras-chave: Charges; Recursos Didáticos; Ensino de Geografia.

Introdução

O presente artigo tem como objeto de estudo a utilização da linguagem textual *charges* como recurso didático no ensino de Geografia em uma escola privada do município de Minaçu-GO. Tem o intuito de compreender como esse recurso didático contribui para as aulas de Geografia, sobretudo, no que se refere ao interesse dos alunos. Deste modo, a partir das respostas dos professores da disciplina por meio de um questionário aplicado, foi realizada análise acerca do trabalho com esse recurso didático no ensino da matéria escolar em questão. Assim, buscou-se identificar a percepção desses docentes a respeito da importância do uso da linguagem *charge* em práticas pedagógicas e os possíveis resultados do trabalho com este recurso para a aprendizagem dos alunos nas aulas de Geografia.

Alguns questionamentos nortearam esta pesquisa, a saber: as charges podem ser consideradas no processo de ensino e aprendizagem na escola campo durante as aulas de Geografia? Os professores de Geografia da escola campo possuem dificuldades e/ou facilidades em mediar conteúdo a partir da utilização de charges? O trabalho com charges contribui de forma significativa para a aprendizagem dos alunos nas aulas de Geografia?

Justifica-se essa pesquisa, primeiramente, pela carência de estudos sobre o tema e por acreditar que tal pesquisa pode contribuir para que a temática adquira maior visibilidade no que se refere ao ensino de Geografia na educação básica. A linguagem textual consiste em importante recurso didático para o ensino de Geografia e, dentre as linguagens textuais, há o gênero denominado *charge* que, ao utilizar da sátira e do humor com uma linguagem mais atual, acaba facilitando a aprendizagem e, concomitantemente, pode contribuir com o interesse pelas aulas.

Desse modo, essa pesquisa lança um olhar para a disciplina de Geografia com enfoque em uma prática pedagógica que rompa com o modelo de aula puramente expositivo, na qual o aluno somente escuta e anota aquilo que o professor diz e começa a problematizar algo que, à primeira vista, pode parecer simples, no caso, as charges. A discussão destaca que utilizando a interpretação desse tipo de texto, tendo em vista o seu caráter vinculado ao humor, as aulas tendem a se tornar mais atrativas e, respectivamente, facilita a compreensão dos conteúdos de forma contextualizada, interativa e dinâmica.

Para a realização desta pesquisa, adotou-se os seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa qualitativa, que consiste em um estudo de caso, e exploratória, que utilizará uma abordagem direta para alcançar os objetivos e afrontar a visão teórica do problema com os dados da realidade, com o delineamento da pesquisa e considerando o ambiente em que a pesquisa será aplicada. Foi realizada revisão bibliográfica de livros, artigos, dissertações e teses. Também foi feita a pesquisa de campo por meio da aplicação de um questionário aos professores regentes de Geografia na escola campo, a fim de averiguar como se dá o processo de ensino e aprendizagem e se/como o recurso educativo em questão é empregado junto às aulas de Geografia.

Para as discussões acerca do interesse tanto dos professores em fazer algo mais didático quanto dos alunos se interessarem mais pela disciplina, as referências basilares centraram-se em Cavalcanti (2002) que disserta sobre as mudanças da Geografia Escolar, a qual passou a buscar e refletir o seu papel na sociedade, recomendando e incluindo novos recursos didáticos; Castrogiovanni (2007) que busca explicar o porquê de certa aversão dos alunos pela disciplina; Vieira & Sá (2007) que elenca o fato de que, nos dias atuais, as crianças e os adolescentes com acesso a informações veiculadas pela mídia impressa e eletrônica dificilmente vão se interessar pelas explanações unívocas e teóricas do professor; Callai (2013) que pondera sobre a importância de se adotar, na escola, o uso desses recursos disponíveis no cotidiano do aluno; Melo (2007) que destaca a valorização cada vez maior de aparatos tecnológicos no cotidiano de vida dos estudantes; Silva (2010) que traz a discussão de que é necessária uma aplicação correta desses recursos didáticos para que os mesmos não

reduzam a qualidade dos temas geográficos; dentre outros que trazem à tona a importância de diferentes formas de apropriação dos recursos didáticos para o ensino.

O texto está dividido em três tópicos: no primeiro, é feito um breve apontamento sobre os recursos didáticos no ensino de Geografia. O segundo tópico trata da diferenciação entre charge e história em quadrinhos, destacando o potencial dessas linguagens enquanto facilitadoras da aprendizagem, motivando a discussão e a reflexão e estimulando a leitura mais apurada da realidade. O terceiro e último tópico dá voz aos docentes que elencam as experiências da utilização das charges na disciplina de Geografia na escola campo e sobre suas percepções na utilização das charges como recurso didático-metodológico.

Recursos didáticos no ensino de Geografia

As linguagens textuais constituem importantes recursos didáticos para os processos de ensino-aprendizagem. Dentre as linguagens textuais, há as charges – ilustrações humorísticas que envolvem a caricatura de um ou mais personagens, feitas com o objetivo de satirizar algum acontecimento da atualidade. A fim de analisar e compreender as formas de utilização das charges, tendo como foco as aulas de Geografia, faz-se necessário compreender a necessidade do trabalho em sala de aula por meio do uso de diferentes recursos didáticos.

Segundo Cavalcanti (2002, p.82), nas últimas décadas, a Geografia Escolar passou a buscar e refletir o seu papel na sociedade, recomendando e incluindo novos conteúdos. Sobre isso, ele destaca que “[...] um grande desafio enfrentado atualmente pelos professores na prática de ensino é o de considerar que o trabalho escolar se insere numa sociedade plena de tecnologia [...]”, a partir desses avanços tecnológicos, como a “[...] TV, vídeo, *games*, computador, internet”, os alunos já nascem integrados às novas tecnologias disponíveis.

Como Castrogiovanni (2007, p.45) sugere, os adolescentes começam a criar uma aversão às aulas de Geografia e causam, assim, uma execração à matéria, pois alguns educadores ainda seguem um determinado paradigma sem inovações e, diante de toda tecnologia disponível, não utilizar isso a seu favor é algo errôneo.

Além disso, Cavalcanti (2002) enfatiza que, por mais que os alunos “[...] não sejam donos de uma série deles [...] [recursos tecnológicos], esse mundo ‘entra’ em sua cabeça pela TV e outros meios, ditando os ritmos e os movimentos da sociedade atual [...]” (p.82), fazendo com que eles tenham padrões e valores de vida singulares e com que isso acabe influenciando nas suas “[...] linguagens e leituras de mundo” (p.82).

Do mesmo modo, Castrogiovanni (2007, p.45) relata que, para tentar eliminar o desinteresse dos alunos, o professor tem o papel de identificar as características do grupo e tentar alcançá-los por meio de metodologias, de modo que se sintam importantes, assim, durante as aulas, envolver problemas do cotidiano deles, podendo até mesmo fazer o uso de atividades lúdicas para despertar a curiosidade, sempre objetivando o crescimento dos mesmos como cidadãos.

Com essas explanações, percebe-se o valor dessas estratégias para os estudantes, pois contribuem para que eles compreendam que o que é estudado na escola se relaciona com suas vidas.

Sabemos que o sujeito traz consigo uma carga de experiências e de conhecimentos sistematizados ou não, realidades vividas muitas vezes impossíveis de serem representadas pelos professores. [...] Cada vez mais acreditamos que tais vivências devam ser aproveitadas, problematizadas e textualizadas, buscando-se, assim a inserção da vida na escola, tornando a escola, efetivamente, integrada a vida. (CASTROGIOVANNI, 2007, p.43)

Vieira & Sá (2007, p.102) vem dizer que “nos dias atuais, as crianças e os adolescentes com acesso a informações veiculadas pela mídia impressa e eletrônica dificilmente vão se interessar pelas explanações unívocas e teóricas do professor”. Além disso, Castrogiovanni (2007) relata que os alunos já apresentam uma carga de conhecimentos própria, cabendo ao professor sistematizá-la. Sobre isso, Vieira & Sá (2007, p.102) destacam que “a escola é uma célula social, precisa ser participativa e inclusiva e nela o professor deve conhecer bem os recursos de mídia para utilizá-los”, fazendo, assim, com que toda responsabilidade de utilização desses recursos didáticos seja do professor, pois cabe a ele planejar e inserir com objetivos claros o uso adequado à metodologia no planejamento. A partir dessa ideia, surge uma reflexão a respeito da necessidade de se utilizar adequadamente, no ensino de Geografia, recursos didáticos que estão disponíveis no cotidiano do aluno, para que o professor possa associar as diversas linguagens de mundo com os conteúdos de Geografia e alcançar maior aproveitamento das aulas.

Cavalcanti destaca a importância do habitual do aluno para formação de seu conhecimento científico, fazendo, assim, o uso de diferentes linguagens para aproximar essa realidade ao cotidiano, assegurando:

[...] há que se destacar sua potencialidade para levar o aluno a perceber, por exemplo, a geografia no cotidiano, para fazer a ponte entre seu conhecimento cotidiano e o científico, para problematizar o conteúdo escolar e partir de outras linguagens e de outras formas de expressão. (CAVALCANTI, 2002, p. 83)

Callai contribui com essa discussão ao ponderar sobre a importância de se adotar, na escola, o uso desses recursos disponíveis no cotidiano do aluno. A autora relata que:

As coisas que acontecem no cotidiano da vida das pessoas precisam ser entendidas e a escola tem um papel fundamental nesse processo. O mundo da vida precisa

entrar na escola, para que ela também seja viva, para que consiga acolher os alunos e dar-lhes condições de realizarem sua formação, desenvolverem um senso crítico e ampliem suas visões de mundo. (CALLAI, 2013, p.29)

Também Libâneo contribui com essa discussão ao destacar que “o incentivo à aprendizagem é o conjunto de estímulos que despertam nos alunos a sua motivação para aprender, de forma que as suas necessidades, interesses, desejos, sejam canalizados para as tarefas de estudo.” (LIBÂNEO, 2013, p.120)

Podemos, a partir dessas afirmações, definir um importante papel no uso do cotidiano na escola, sendo ele um incentivador para uma melhor interação do aluno nas aulas com a utilização dos recursos didáticos. Vieira & Sá (2007, p.102) afirmam que “a aula dinâmica, que tem a participação do aluno como sujeito na construção partilhada do conhecimento, pode ser bastante produtiva porque o aluno está motivado a buscar as informações”, estando o aluno, de certo modo, comprometido com as análises para comprovar seus argumentos. Vieira & Sá (2007) dizem também que uma aula com utilização adequada dos recursos didáticos é mais rica em conteúdos e todos tendem a sair dela com mais conhecimento, tendo em vista que a cooperação na construção de um saber coletivo contribui para a motivação de quem dela participa. Vieira & Sá (2007) também confirmam que o professor é o responsável por constituir o emprego e uso do cotidiano nas aulas de Geografia com a utilização de recursos didáticos que fazem parte do dia a dia do aluno.

Segundo Melo (2007) está havendo no mundo uma valorização cada vez maior de aparatos tecnológicos em detrimento da leitura, da escrita e da reflexão, dos debates sobre ideias entre amigos e no seio familiar. E para que eles sirvam como recursos metodológicos, se faz fundamental que o professor crie circunstâncias que desafiem o aluno, para que seja estimulado a buscar e soluções para os problemas identificados pelo grupo.

Melo (2007) reforça a ideia de que para que o aluno deixe de ser apenas o receptáculo de conhecimento e o professor mero transmissor de conteúdo, é necessário que o ensino possa proporcionar aos alunos recursos e instrumentos que orientem na construção do seu conhecimento, de modo que ele faça parte do processo ensino-aprendizagem como sujeito, não sendo passivo e alienado.

Esse autor ainda destaca a importância que o “aluno tenha um bom desenvolvimento intelectual e se torne um ser reflexivo e crítico [...] [para que] possa analisar o objeto do conhecimento associado às contingências da realidade socioeconômica e as conjunturas naturais.” (MELO, 2007, p.96)

Vieira & Sá (2007, p.102) complementam dizendo que “a aprendizagem só se constrói numa relação de reciprocidade. A aula é um acontecimento no qual há uma relação entre

sujeitos: professores e alunos”. Para que isso aconteça, Melo (2007, p.96) vem dizer que “O aluno precisa ser estimulado a ler”. Assim, os recursos metodológicos podem ser utilizados para esse fim. “A aula precisa ser um coletivo para estimular discussões. O aluno precisa ser desafiado a organizar e expor suas ideias e construir argumentos com lógica para defender seu ponto de vista” (MELO, 2007, p.96).

Posto isto, pode-se dizer que é necessário o papel do professor como sujeito que planeja as aulas e implementa metodologias para beneficiar o ensino, podendo, assim, deixar as aulas mais dinâmicas. Práticas interativas são importantes para não permitir que as aulas fiquem maçante, pois:

[...] a aula expositiva é um vício de grande parte dos professores que não têm se preocupado em refletir sobre o problema alienante da sua didática e não contribui para a formação do cidadão pensante, crítico, responsável e participativo. (MELO, 2007, p.99)

Isso não significa que as aulas expositivas sejam erradas, mas outros recursos didáticos podem contribuir com a mesma, para que a aula não fique tediosa e ao mesmo tempo contribua para uma formação crítica e reflexiva dos alunos. Para isso, de acordo com Cavalcanti (2002), Castrogiovanni (2007), Callai (2013), Vieira & Sá (2007) e Melo (2007), podemos incluir como mediador dos conteúdos os recursos didáticos que estão presentes no nosso cotidiano e que podem entusiasmar no ensino e aprendizagem de Geografia. É muito importante que os professores assegurem os alunos desses novos conhecimentos gerados a partir da inserção de recursos didáticos para práticas que haja melhor proveito tanto do conteúdo quanto no aprendizado do aluno. E a utilização desses recursos podem possibilitar novas estratégias para o processo de ensino-aprendizagem, injetando dinamismo e podendo intensificar as aulas para uma melhor construção dos conhecimentos.

Sobre o aproveitamento do conteúdo geográfico com os recursos tecnológicos, Silva vem dizer que:

[...] muitos temas de cunho geográfico são incorporados às diferentes informações pelos meios de comunicação, como imagens cartográficas, dados geográficos, descrição de lugares, de paisagens. Mas, muitas vezes, esses meios reduzem o conhecimento geográfico a alguns aspectos superficiais e incompletos. É perceptível que, na era digital, a rede mundial de computadores (Internet), a TV e outros meios de comunicação têm-se legitimado como transmissores de informações fragmentadas. Assim, para que estas se tornem recursos de pesquisa escolar precisam ser aprofundadas e relacionadas ao que se está estudando ou se pretende estudar. No caso da Geografia, elas trazem conceitos e elementos geográficos, mas muitas vezes com análise superficial e até mesmo imbuída de determinadas ideologias (indução ao consumismo, à competição, à naturalização das desigualdades sociais, a vários tipos de preconceitos). (SILVA, 2010, p. 35)

De acordo com Silva (2010) é necessária uma aplicação correta desses recursos didáticos para que os mesmos não reduzam a qualidade dos temas geográficos. Vieira & Sá (2007, p.101) relatam que “A voz, o quadro-negro e giz são os recursos mais simples e antigos

que o professor tem utilizado” e o professor tem a liberdade e a autonomia de continuar utilizando-os. Contudo, pode-se utilizar novos recursos didáticos associados aos mesmos.

A era tecnológica foi muito importante para que ocorresse o desenvolvimento, principalmente, na área de ensino de Geografia e suas informações geográficas, contribuindo em diversos fatores a serem considerados como recursos didáticos. Cavalcanti (2002, p.85) defende que esses meios são repletos de recursos didáticos para Geografia, sendo eles “Os filmes, os desenhos, as charges, as fotografias, os slides, os anúncios de publicidade, os *CD-ROMs*” podendo “as músicas os poemas representam, frequentemente, e das formas mais variadas, o mundo, os lugares dos mundos, os fenômenos geográficos, as paisagens”.

Para isso Silva vem trabalhar as possibilidades de trazer essas ferramentas para o ensino de Geografia, uma vez que elas:

[...] fazem parte da vida do ser humano, os professores devem aprender a usá-las para aprimorar e melhorar a qualidade do ensino-aprendizagem dos estudantes. A possibilidade dessa utilização promove outras estratégias de ensino-aprendizagem, injeta mais dinamismo nas aulas, intensifica a construção de conhecimento. (SILVA, 2010, p.34)

Os recursos didáticos oferecem dinamismo às aulas de Geografia e como Silva defende, servem para intensificar essa construção de conhecimento – que é o que anda faltando nos últimos anos. Para Oliveira (1989), o ensino de Geografia vem se degradando no decorrer dos anos e precisa ser revisado. Para que isso ocorra, que sejam bem-vindos os recursos didáticos como inserção metodológica que fazem parte do cotidiano do professor e do aluno.

Silva (2010) ressalta que as leituras da Geografia nessas produções, como charges e história em quadrinhos, podem e devem ser potencializadas pelo intermédio escolar, podendo ser utilizados para mediar os processos de aprendizagem dos conceitos geográficos. É com essa ideia de uma vertente que abrange diversas linguagens a serem aproveitadas na aula de Geografia que Guimarães traz sua visão, dizendo que:

O ensino de Geografia deve ser trabalhado pelo professor por meio da utilização de diferentes linguagens que favoreçam aos alunos produzir e expressar ideias, opiniões, sentimentos e conhecimentos sobre o mundo. A literatura, o cinema, o teatro, a música, a televisão, a fotografia, os textos informativos, os gráficos e mapas são linguagens que devem estar presentes na Geografia escolar. (2007, p.50)

Com esse mesmo ponto de vista, seguido de uma ótica interdisciplinar Pontuschka e Katuta garantem a ligação do uso de outras linguagens no ensino, desde que as diferentes ciências colaborem para abordar os temas geográficos:

[...] a concepção de trabalho interdisciplinar adotada pressupõe a colaboração das várias ciências para o estudo de determinados temas que orientam as atividades pedagógicas, respeitando a especificidade de cada área do conhecimento, isto é, a fragmentação necessária no diálogo inteligente com o mundo e cuja gênese

encontrasse na história do desenvolvimento do conhecimento. (PONTUSCHKA, 2010, p. 191)

Sendo assim, Katuta vem assegurar que diversos tipos de linguagens de outras ciências podem colaborar, como:

[...] as letras das canções, as poesias, os textos em prosa, as pinturas, as histórias em quadrinhos, os filmes, as telenovelas, entre outros, apresentam as espacialidades vivenciadas pelos diferentes grupos sociais. São formas de registro das geografias de cada um de nós, daí a importância de serem repensadas e (re)apropriadas pelos professores dessa disciplina (KATUTA, 2007, p. 235)

Silva (2010) destaca, a partir dessas ideias, que o ensino de Geografia pode ser trabalhado com diferentes linguagens como recursos didáticos que estão à disposição do professor para que o mesmo possa utilizá-los. Linguagens que permitem várias formas de leitura a partir de sua interpretação e trazem, assim, múltiplas possibilidades para o ensino e aprendizagem de Geografia.

Gadotti destaca a importância da renovação dos processos educativos para um melhor desenvolvimento e aproveitamento, sendo que:

[...] um verdadeiro processo educativo não se restringe à aquisição de habilidades e conhecimentos, mas pressupõe o desenvolvimento do indivíduo para que lhe seja assegurado o direito de participar ativamente no seio da sociedade, no trabalho, no lazer, na cultura, etc. O conhecimento não se reduz ao produto, é também processo. Uma coisa é assimilar conhecimentos na forma privada de apropriação, e outra é a construção democrática do próprio conhecimento. (1992, p. 70)

A partir dessa ótica, há a necessidade de recorrer a recursos didáticos para fortalecer o ensino, fazendo com que o aluno desenvolva o interesse pelos conteúdos de Geografia e, assim, possa adquirir seus conhecimentos. É importante a agregação dessas metodologias para renovação desses meios educativos e a criação de um indivíduo crítico, reflexivo e que seja ativo na sociedade atual.

A partir desse texto, poderemos empregar a ideia segundo a proposta de utilização de *charges* como recurso didático para a mediação dos conteúdos de Geografia, a qual será debatida no tópico seguinte.

O uso de charges e histórias em quadrinhos no ensino de Geografia

Arrigoni introduz o conceito de charge ao definir que:

O termo charge é proveniente do francês “charger” (carregar, exagerar). Sendo fundamentalmente uma espécie de crônica humorística, a charge tem o caráter de crítica, provocando o hilário, cujo efeito é conseguido por meio do exagero. Ela se caracteriza por ser um texto visual humorístico e opinativo, que critica um personagem ou fato específico. (ARRIGONI, 2011, p.2062-2063).

A charge é uma imagem composta por um desenho ou uma fotografia inserindo algum elemento verbal ou figura com o intuito de torná-la cômica (SILVA, 2008).

A construção da charge é também muitas vezes baseada na remissão a outros textos, verbais ou não. O que a torna singular é o modo perspicaz com que demonstra sua capacidade de congrega, num jogo de polifonia e ambivalência, o verso e o reverso do que tematiza. (SILVA, 2016, p.2)

De acordo com Silva (2016), a charge em si tem uma carga humorística irônica em geral e que, geralmente, faz com que o leitor tenha ou crie um desenvolvimento crítico da leitura. De certo modo, é necessário que o aluno tenha um conhecimento prévio do que será transmitido nas charges para que sirva como introdução ao que será perpassado, para que, assim, possa ser interpretado pelo aluno. A figura 01 apresenta um exemplo de *charge* sobre as chuvas ácidas.



Figura 01 – Charge sobre chuvas ácidas

Fonte: disponível em: <<http://inicialcantara.blogspot.com.br/2013/12/questoes-com-charges.html>>. Acesso em: 13 de out. de 2017.>

Para ser interpretada e compreendida, essa charge necessita ser contextualizada. Pelo fato do pai e filho estarem, de certo modo, “mortos” pela chuva ácida, envolve uma certa ironia e crítica. É importante ressaltar que essa charge pode ser trabalhada tanto em assuntos relacionados ao ambiente pela vegetação destruída ao fundo da charge, impactos ambientais e climatologia quanto à alienação da mídia e falta de conhecimento da população sobre os assuntos.

Normalmente, tanto a charge quanto as tiras em quadrinhos possuem críticas sociais e políticas. Já as tiras de quadrinhos têm uma perspectiva mais ampla, podendo ser crítico, infantil, adulto, possuindo, assim, uma grande variedade. De acordo com Moretti:

[...] os quadrinhos têm personagens e elenco fixos, narrativa sequencial em quadros numa ordem de tempo onde um fato se desenrola através de legendas e balões com texto pertinente à imagem de cada quadrinho. A história pode se desenvolver numa tira, numa página ou em duas ou em várias páginas (revista ou

álbum). É óbvio que para uma história ser em quadrinhos ela precisa ter no mínimo dois quadrinhos (ou cenas). A tira diária é uma exceção, pois, às vezes, a história pode ser muito bem contada em um só “quadrinho” (2017, p. 2).

Silva conceitua as tiras em quadrinhos como:

[...] um meio artístico e de comunicação, que unem a literatura à imagem, compondo assim, uma outra forma de comunicação e expressão. Também refletem a ideia e a opinião do autor que origina a história, este por sua vez faz com que sua realidade social e cultural reflita em suas histórias, em sua maioria inerente aos leitores, conduzindo assim, estes a uma reflexão voltada para as descobertas e progressos da tecnologia e ciência, da sociedade da qual faz parte. Partindo-se deste pressuposto, a mentalidade moderna de vários campos do saber, que vai atuar em todas as áreas humanas também será refletida nos quadrinhos (2016, p.3).

A figura 02 apresenta um exemplo de tira em quadrinhos:

Poluição e clima



Fonte: Quino (2003, p. 157, tira 2).

Figura 02 – Tira em quadrinhos

A presente tira em quadrinho pode ser interpretada com ideias de maior amplitude, sendo possível trabalhar também vários assuntos com uma determinada tira. É importante lembrar a afirmação de Moretti (2017) ao dizer que as tiras em quadrinhos possuem uma história sequencial e personagens fixos, sendo, assim, necessário muitas das vezes apresentar o protagonista da história ao aluno.

A personagem protagonista da tira em demonstração é denominada Mafalda. Personagem do livro *Toda Mafalda* do autor argentino Joaquim Salvador Lavado, conhecido pelo pseudônimo Quino. Mafalda é uma personagem conhecida mundialmente por, apesar de ser uma criança de 6 a 8 anos, ser retratada como consciente e preocupada com o mundo em que vive, retratando, assim, temas geográficos em suas histórias em quadrinhos.

Como se pode ver na tira sobre poluição e clima, como o próprio título já vem dizendo, é possível trabalhar tanto assuntos relacionados ao meio ambiente como poluição, degradação ambiental, clima, alienação, industrialização, diminuição demográfica pelo fato do aquecimento global, sugerido no quadrinho, poder levar até mesmo a uma extinção da raça humana.

Silva retrata a importância que as histórias em quadrinhos vêm tomando na rede de ensino no decorrer dos últimos anos, a qual facilitara o entendimento da inclusão do instrumento no ensino de Geografia. Para ela:

A linguagem dos quadrinhos é muito empregada em instrumentos avaliativos de seleção como o exame vestibular, o *Exame Nacional do Ensino Médio* (ENEM) e outros. Ela alcançou maior legitimidade ao ser recomendada como uma opção de linguagem educativa nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), desde o ano de 1997. Importante também foi a inclusão e a distribuição de obras nessa linguagem às instituições de ensino público por meio do Programa Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE) a partir do ano de 2008. (SILVA, 2010, p.217)

Para Silva (2010), as histórias em quadrinhos contemplam um conhecimento cultural, o que é fundamental para o ensino de Geografia, sendo ele necessário para auxiliar na compreensão das informações do cotidiano ao envolver assuntos como diversidade, dinâmica do mundo globalizado, massa cultural, consumismo e tantos outros. Além disso, as histórias em quadrinhos são importantes por possuírem uma presença de elementos da realidade do lugar e do mundo.

Nesse mesmo contexto, Callai (2013) diz que tudo aquilo que acontece no cotidiano das pessoas deve ser entendido e a escola entra com o principal papel desse processo. A autora afirma que o mundo precisa entrar na escola para que ela seja viva e os alunos possam acolher suas condições e, assim, realizem sua formação, desenvolvam seu senso crítico e expandam suas visões de mundo.

Considerando, assim, as perspectivas de Callai (2013), Silva (2010) garante que a análise geográfica precisa ser plural e diversificada já que a representação do espaço tem vários significados e análises. Desse modo:

Existem, portanto, inúmeras maneiras de pensar, representar e interpretar o espaço geográfico, inclusive formas alternativas de leituras desse espaço. Assim, o uso de linguagem não convencional no estudo de Geografia articula-se com novas propostas de ensino. (SILVA, 2013, p.49)

Na visão de Silva (2010), os quadrinhos entram como uma nova proposta de ensino, por motivar “[...] a discussão e a reflexão e, principalmente, estimulam uma leitura mais apurada da realidade vivida e a desmistificação do discurso ideológico que permeia as relações sociais e políticas do mundo” (p.14). Além disso, essa autora destaca que a linguagem dos quadrinhos, a qual retrata como “produto cultural”, “é “[...] capaz de fazer a aula mais agradável para muitos alunos, tornando-os mais receptivos ao conteúdo, uma vez que apreciam esse tipo de atividade, por promover debates polifônicos, estimular a perspicácia e o pensamento crítico” (p.14). Dessa forma, Barros *et al.* (2016) afirmam que:

[...] a linguagem polifônica dos quadrinhos possibilita várias outras leituras. Assim, um número significativo das tiras selecionadas pode-se interpretar mais de um assunto de Geografia ou ainda, de outras disciplinas, podendo contemplar atividades de forma interdisciplinar. (p.3)

Para Delfino *et al.* (2016), podemos utilizar as histórias em quadrinhos como uma importante ferramenta didática em sala de aula, pois além de se tratar de uma maneira lúdica do conteúdo, acaba estimulando a curiosidade dos alunos. Vergueiro (2005, p.24) também vem dizer que, “[...] os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema”. Dando, assim, uma ideia que a escolha das histórias em quadrinhos depende da análise do nível, capacidade e conhecimento dos alunos sobre o conteúdo a ser trabalhado.

Sobre isso, Silva (2013) destaca que a utilização das histórias em quadrinhos pode ser indicada para “iniciar o conteúdo, aprofundar algum conceito, concluir algum estudo ou mesmo para confrontar ideias desde os anos escolares iniciais até níveis de estudo mais avançados.”

Silva e Cavalcanti (2008 p.143), colaboram dizendo que “O *cartum*, a charge e os quadrinhos retratam muitas situações de conteúdo geográfico que podem ser analisadas em escalas local, regional, nacional ou mundial”. Se tornando, desse modo, uma leitura agradável e envolvente, fazendo com que a maioria dos alunos encontre nesse tipo de atividade “[...] um facilitador para empreender uma discussão com um certo rigor científico, a partir de elementos do cotidiano”.

Silva (2016) afirma que “um outro aspecto importante na utilização de tais recursos é a sua proximidade com o cotidiano, pois estes são geralmente encontrados em jornais e revistas, tratando temas atuais, atemporais, divertido e marcando épocas”.

É importante destacar que esse tipo de leitura acaba gerando uma capacidade maior de compreensão, iniciada com a reflexão pós-leitura e interpretação da história em quadrinho e proporciona, assim, como Silva & Cavalcanti (2008) vêm dizer, “[...] uma reflexão questionadora das condições sociais, políticas e econômicas do mundo”.

Para Aguiar (2004), as histórias em quadrinhos utilizam duas linguagens, denominadas pelo autor de linguagem verbal e linguagem não-verbal. Sendo a linguagem verbal tudo aquilo falado e escrito, o código verbal: a palavra, bem dizendo em um contexto amplo. E linguagem não-verbal quando não é utilizado o código verbal comum: a palavra, por isso ela é designada linguagem não-verbal, isto é, usam-se outros códigos. São exemplos desses códigos: o desenho, a dança, os sons, os gestos, a expressão fisionômica, as cores. O que leva a pensar em uma linguagem mista, que é o uso simultâneo tanto da verbal quanto da não-verbal. A linguagem mista é utilizada nas histórias em quadrinhos, pois as mesmas podem conter tanto a linguagem verbal quanto a linguagem não-verbal.

No entendimento de Barros, *et al.*:

Uma vez que os quadrinhos se apresentam como uma linguagem acessível e apreciada pelos estudantes em geral, com recursos visuais e textos enxutos que

permitem análises aprofundadas de vários assuntos, é importante que sejam devidamente explorados como recursos didático-pedagógicos. Assim, é fundamental destacar que esta linguagem tem potencial para mediar a relação ensino-aprendizagem, em conteúdos escolares com qualidade, significação e profundidade científica, no caso, de Geografia, desde que trabalhados de maneira adequada. (BARROS, *et al*, 2016, p.4)

Silva (2010) destaca que as histórias em quadrinhos acabam gerando um hipertexto nas aulas de Geografia que, para ela, se define como a utilização de várias linguagens e conexões entre os conteúdos. Para Mendonça, o hipertexto se define como imensa rede de significação, sendo:

[...] uma rede que podem ser gráficos, palavras e textos, que conectados uns aos outros, ampliando as formas de se articularem as ideias, constitui-se em hipertexto [...]. Conceitualmente, a metáfora do hipertexto se refere a textos conectados uns aos outros dando maior sentido a eles próprios. Destas conexões emerge o sentido. (MENDONÇA, 2017, p.4)

Para Silva (2010), o hipertexto é empregado no uso das histórias em quadrinhos a partir de uma conexão gerada por sua reflexão e conteúdo aplicado ou que ainda será aplicado pelo professor de Geografia. Sendo assim, a colocação do hipertexto é importante para:

[...] construir o processo educativo tendo como paradigma uma prática histórica, social e cultural, na qual os alunos não apenas reproduzem conhecimentos, mas ainda devem desenvolver a imaginação, a criatividade, a criticidade, os valores e outras dimensões do ser humano como, por exemplo a emoção (SILVA, 2010, p.67)

Sendo importante, na visão de Silva, o Professor como mediador dos objetivos das reflexões geradas de modo que direcione “[...] as análises das informações em consonância com a proposição de seu trabalho, para não correr o risco de obter resultados difusos, superficiais, com conclusões precipitadas e assuntos dispersos”. (SILVA, 2010, p.67)

A experiência do uso de charges em uma escola privada do município de Minaçu/GO

A escola está localizada no município de Minaçu/GO, situado ao norte do Estado. A unidade escolar, que compõe uma rede de escolas presentes em todo o território nacional, é estruturada e comandada por um diretor de unidade integrada e uma diretora pedagógica. Em si, a estrutura é composta por profissionais devidamente capacitados, segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP), todos devidamente treinados e formados para os postos que ocupam, desde estagiários, auxiliares de coordenação, coordenadores, diretores aos professores, o que, de certo modo, firma uma responsabilidade que a escola tem, não apenas com a comunidade local, mas sim com toda sociedade e sistema de educação.

A escola conta com uma coordenação pedagógica para o ensino fundamental, séries finais e médio, a qual faz acompanhamentos com os alunos e professores, constantemente, em

suas dificuldades e assuntos disciplinares. Ela conta também com uma psicóloga educacional, que faz a mediação entre o professor, o aluno e a família, com a intenção de otimizar o processo de ensino-aprendizagem.

A equipe escolar procura sempre melhorar o desempenho da unidade, tendo como parâmetro avaliações externas como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

A escola possuiu dois professores que lecionam Geografia do ensino fundamental a séries finais e ensino médio. Um Professor leciona Geografia no 6º, 7º e 8º ano e uma Professora para as turmas dos 9ª do ensino fundamental e 1º, 2º e 3º anos do ensino médio.

O primeiro Professor é formado em licenciatura em Geografia, tendo a conclusão do curso no ano 2014, e a Professora possui licenciatura plena em História, tendo concluído o curso no ano 2006 – o que já entra em conflito com o PPP que diz que todos funcionários são devidamente formados para exercer os cargos que ocupam.

A Percepção do Professor de Geografia na escola campo, sobre a utilização das charges como recurso didático

No questionário aplicado aos dois professores foram apresentadas sete perguntas para que eles discorressem a respeito de alguns pontos pertinentes ao papel e trabalho com o recurso didático na escola. Para a análise, agrupamos as questões em quatro eixos temáticos, conforme o quadro 01.

Quadro 01 - Eixos e Questões norteadoras para uso de Charges

EIXOS		QUESTÕES ABORDADAS
1º	A importância de Geografia.	1 - Na sua visão, qual o papel do professor de Geografia hoje na escola básica?
2º	Relação das aulas do professor e o uso dos recursos didáticos.	2 - Em sua prática em sala de aula, é feita a utilização de recursos didáticos? Quais?
		3 - Para o emprego desses recursos didáticos, existe requisitos ou cuidados a serem considerados sobre a elaboração e/ou utilização desses recursos? Quais?
3º	A utilização de charges nas aulas de Geografia.	4 - Dentre as modalidades textuais utilizadas em sala, as charges são consideradas na realização de suas aulas? Justifique.
		5 - Caso a resposta da questão anterior seja afirmativa, como as charges são empregadas no ensino da disciplina de Geografia?
4º	Percepção dos alunos sobre a utilização de charges nas aulas de Geografia.	6 - Como os alunos reagem mediante a utilização de charges?
		7 - É perceptível o retorno na aprendizagem dos alunos quanto a conteúdos mediados a partir do trabalho com charges?

No primeiro eixo de análise, que consistiu em identificar a percepção da relevância do ensino de Geografia na escola básica hoje, as respostas demonstram considerar importante os estudos de Geografia para a formação do aluno como um cidadão crítico e pensante na sociedade. Os dois professores se posicionaram afirmativamente a respeito de uma educação ampla para formar cidadãos capazes de entender e transformar a realidade.

A professora fez a seguinte argumentação respondendo à questão 1, dizendo que “Conduzir o educando aos princípios base da disciplina. Envolvendo-o em um compromisso com o conhecimento científico, na busca da formação de um sujeito pensante e atuante da sociedade”. Já o professor respondeu a mesma questão dizendo que “Mediar a produção do conhecimento dos alunos, fazendo-os pensar, refletir criticamente acerca da realidade que os cerca que é fruto de uma rede global mais ampla. Formar cidadãos capazes de entender e transformar a realidade”.

As duas respostas focam no lado humano dos alunos, o qual tem a finalidade de formar cidadãos críticos e reflexivos, prontos para encarar a vida na sociedade. Pois:

A educação para a cidadania é um desafio para o ensino e a Geografia é uma das disciplinas fundamentais para tanto. O conteúdo das aulas de Geografia deve ser trabalhado de forma que o aluno construa a sua cidadania. (CALLAI, 2001, p.136)

A questão 2, assim como a 3, refere-se à relação das aulas do professor e o uso dos recursos didáticos. Na questão 2 a Professora diz que “Sim ” Ela utiliza o “Quadro branco, material didático, data show, mapas, paródia, vídeo, charge, cartuns, etc.”. E o Professor, “Sim. Documentários, filmes, projetor – imagens, computador...”.

Podemos observar que os dois professores fazem o uso de recursos didáticos de características audiovisuais para auxiliarem nas aulas de Geografia. O que facilita na percepção e aprendizagem dos alunos assim como Vieira & Sá (2007) vem afirmar: os recursos fazem com que as aulas se tornem dinâmicas e os alunos participem, tornando a aula produtiva, desde que o professor saiba aproveitar e explorar o uso do recurso dentro do conteúdo a ser estudado.

Na questão 3, última questão do eixo, a Professora responde “Sim. O encaixe ideal de cada recurso a matéria ministrada. Uma prévia sondagem dos conhecimentos de mundo que o educando trás. E também o grau de dificuldade com que cada aluno administra o próprio recurso”. Já o Professor traz seu ponto de vista dizendo que “O uso de qualquer recurso segue a um fim previamente definido, tendo como base quais os objetivos da aula”.

A ideia da resposta da Professora resulta em conhecimento sobre o assunto, afirmando, assim como Vergueiro (2005) diz, que o nível de dificuldade dos alunos é importante para o encaixe da metodologia e sua utilização nas aulas de Geografia. Já o

Professor fala sobre os objetivos da aula, o que, segundo Vergueiro (2005), são importantes para o desenvolvimento das aulas e para que o aluno não fique prejudicado em sua aprendizagem.

A questão 4 e 5 abre para o eixo sobre a utilização de charges nas aulas de Geografia. A Professora responde o seguinte na questão 4: “Sim. Considero um recurso muito viável, lúdico e requisitado em vestibulares e provas nacionais. Além de oferecer ao aluno uma nova visão de ver o mundo que o cerca”. E o Professor para a mesma questão diz: “Sim. As charges encantam, chamam atenção, assim, contextualizam o conteúdo tirando a ‘formalidade’, muitas vezes, impeditiva da aprendizagem”. Na questão 5 a Professora vem dizer que as charges são empregadas nas aulas de Geografia, “De forma crítica e analítica”. E o Professor diz que “São empregadas como forma de dinamizar o conteúdo, trazendo uma outra linguagem que seja capaz de inserir o aluno para além do que é aparente. Essa outra linguagem possibilita a interpretação, a descoberta e o prazer de aprender”.

A Professora mostra em suas respostas um conhecimento acerca do assunto, considerando o lado lúdico, assim como Delfino *et al.* (2016) afirmam sua importância nas aulas de Geografia por chamarem a atenção do aluno fazendo-o pensar e refletir o contexto, para que possa desenvolver sua criticidade e reflexividade. Sobre a utilização das charges e tirinhas em quadrinhos em exames, do mesmo modo como Silva (2013) afirma que esse tipo de linguagem é muito empregado em instrumentos de avaliação e seleção como o vestibular e o ENEM.

Já as respostas do Professor nos levam a pensar sobre uma contextualização do conteúdo, assim como Silva (2010) e Mendonça (2017) descrevem essa contextualização como um hipertexto que pode ser utilizado pelo professor como uma forma de articular as ideias dos alunos, fazendo-os pensar amplamente acerca dos conteúdos e situações contextualizadas com os conteúdos de Geografia dentro de suas categorias geográficas.

Silva e Cavalcanti (2008) destacam que é possível estudar os conteúdos de Geografia escolar como, por exemplo, categorias geográficas com o uso de quadrinhos e charges, destacando as categorias: espaço, paisagem, região, lugar, território, ambiente e natureza.

Callai (2013) contribui com essa interpretação dizendo a importância de trabalhar os conteúdos de Geografia levando em consideração o cotidiano do aluno, que se torna importante na contextualização do mundo a partir do conhecimento que o cerca.

No último eixo, as questões 6 e 7 refere-se à percepção dos alunos segundo a visão dos professores sobre a utilização de charges nas aulas de Geografia.

Na questão 6, a Professora diz que “Muitos apresentam dificuldades em ler ‘a leitura não-verbal’, mas quando conseguem atingir o objetivo o educando se mostra envolvido e

motivado”. E o Professor, “Acham graça, encaram como objetivo para desvendar, como em jogo. Ficam curiosos e tentam fazer relação com o conteúdo”.

E na questão 7, a Professora diz que “Sim. A interação com o conteúdo torna-se mais prazeroso e assim a aprendizagem mais efetiva”. E o Professor, também com resposta positiva, diz “Sim. A charge impregna o conhecimento, torna o conhecimento como uma descoberta, assim possibilita o pensamento, a reflexão e a crítica”. Libâneo (2013) contribui com a explanação dizendo que “o incentivo à aprendizagem é o conjunto de estímulos que despertam nos alunos a sua motivação para aprender, de forma que as suas necessidades, interesses, desejos, sejam canalizados para as tarefas de estudo.

Nesses aspectos ressaltados, a charge pode levar os alunos a pensarem criticamente, refletindo sobre seu contexto do cotidiano, levando a um pensamento mais amplo da sociedade e do mundo, sendo considerada um recurso didático nas aulas de Geografia na escola campo e constituindo, assim, identificada e observada pelos professores da disciplina na escola como um importante instrumento não somente para as aulas, mas também podendo ser uma aliada no desenvolvimento do aluno como um cidadão de pensamento crítico e autônomo.

Considerações Finais

Ao fim deste trabalho, constatou-se que, em determinados conteúdos, a utilização de charges pode auxiliar nas aulas tornando a disciplina de Geografia mais interessante para o aluno. A partir do tema proposto nesse estudo, que é o trabalho com charges no ensino de Geografia, observou-se que os docentes da escola pesquisada utilizam de maneira lúdica esse recurso, fazendo com que haja um maior aproveitamento dos conteúdos da disciplina pelos alunos.

Partindo do embasamento e das explicações dos autores estudados, muitos enfatizam o fato de que a disciplina se tornou enfadonha e cansativa, pois as estratégias e recursos didáticos continua os mesmos. A consequência disso é o afastamento dos alunos da disciplina e, ao mesmo tempo, a criação de uma aversão. A não utilização dos recursos tecnológicos pelos professores também é muito criticada, pois em meio a tanta tecnologia disponível e que possui o intuito de facilitar a interação e compreensão, seja da disciplina de Geografia ou de outras, não diversificar métodos e recursos é algo errôneo e as queixas dos alunos não pode ser ignorada.

Os docentes, sujeitos dessa pesquisa, ressaltaram que a charge contribui para que os alunos desenvolvam um pensamento crítico perante a realidade na qual estão inseridos, refletindo, assim, sobre as coisas do cotidiano e ampliando a capacidade de compreensão da sociedade e do mundo. Desse modo, a charge pode ser considerada um recurso didático para as aulas de Geografia, identificadas pelos professores da disciplina como um importante instrumento para a construção da noção de cidadania e para o pensamento crítico e autônomo do aluno.

The use of cartoons as a didactic resource for teaching Geography

Abstract: The text shows an analysis regarding the use of cartoons as a didactic-pedagogical resource in Geography classes at a private school in the municipality of Minaçu-GO. The justification of the work is mainly because it is a subject that is rarely addressed in research on teaching Geography and given the possible contributions of this didactic resource to the quality of classes in this discipline, in order to encourage a greater number of students in the teaching and learning process of Geography. This work is the result of research and bibliographic review done initially on the subject and soon afterwards field research that consisted of the application of a questionnaire for the teachers who teach this discipline in the field research school. It was found during the analysis of the data, that the cartoons can be considered instruments that contribute to the pedagogical didactic processes for the Geography classes, because they allow the classes to be more dynamic thus arousing the students' interest in the contents worked on.

Keywords: Charges; Didactic resources; Geography teaching.

El uso de caricaturas como un recurso didáctico para la enseñanza de Geografía

Resumen: El texto presenta un análisis sobre el uso de caricaturas como un recurso didáctico-pedagógico en las clases de Geografía en una escuela privada en el municipio de Minaçu-GO. La justificación del trabajo se debe principalmente a que es un tema que rara vez se aborda en la investigación sobre la enseñanza de Geografía y se le dan las posibles contribuciones de este recurso didáctico a la calidad de las clases en esta disciplina, con el fin de alentar a un mayor número de estudiantes en el proceso de enseñanza y aprendizaje de Geografía. Este trabajo es el resultado de una investigación y revisión bibliográfica realizada a priori sobre el tema y posteriormente una investigación de campo que consistió en la aplicación de un cuestionario para los maestros que enseñan esta disciplina en la escuela seleccionada. Durante el análisis de los datos se descubrió que las caricaturas pueden considerarse instrumentos que contribuyen a los procesos didácticos pedagógicos para las clases de Geografía, ya que permiten que las clases sean más dinámicas, lo que despierta el interés de los estudiantes en los contenidos trabajados.

Palabras clave: Caricaturas; Recursos Didácticos; Enseñanza de Geografía.

Referências

AGUIAR, V. T. **O verbal e o não verbal**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU). 2004.

ARRIGONI, M. M. **Debatendo os conceitos de Caricatura, Charge e Cartum**. In: III Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 03 a 06 de maio de 2011, Universidade Estadual de Londrina, 2011.

BARROS A. I. N.; CASTRO C. P.; GUIMARÃES L. J.; SILVA E. I. **As tiras da Mafalda: Conteúdos de Geografia na linguagem dos Quadrinhos**. Disponível em:

<<http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/conpeex/prolicen/trabalhos-prolicen/prolicen-anderson-iury.pdf>> Acesso em: 11 out. de 2016.

CALLAI, H.C. **A formação do profissional da geografia: o professor**. Ijuí, Ed. Injuí, 2013.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CASTROGIOVANNI, A. C. (org). **Ensino de Geografia: Caminhos e Encantos**. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.

Delfino V. S.; Almeida A. S.; Dias A.M.L. **O uso de HQ no ensino da geografia: diferentes linguagens em sala de aula**. Disponível em:<http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD4_SA5_ID5192_17082015162957.pdf> Acesso em: 14 de Set. 2016.

GADOTTI, M. **Diversidade cultural e educação para todos**. RJ. Ed. Graal, p.90. 1992.

GUIMARÃES, I. **Ensino de Geografia, mídia e produção de sentidos**. Terra Livre – Geografia e ensino, Presidente Prudente, v.1, n. 28, p. 45-50, jan-jun. 2007.

KATUTA, A. M. **A educação docente: (re)pensando as suas práticas e linguagens**. Terra Livre, Presidente Prudente, v. 1, n. 28, p. 221-238, jan./jun. 2007.

MENDONÇA, A. C. **As redes de significados como um novo paradigma na educação**. Disponível em: <<http://www.monografias.com>>. Acesso em 13: out. 2017.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MELO, F. A. Aulas tediosas, alunos alienados. In: PASSINI, E. Y; PASSINI, R. MALYSZ, S. T. (ORG) **Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Editor Contexto, p. 95-100, 2007.

MORETTI, F. **Qual a diferença entre charge, cartum e quadrinhos?** Disponível em: <<http://www.ccghumor.com.br>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

OLIVEIRA, A. U. (Org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?** São Paulo: Contexto, 1989.

QUINO, J. L. **Toda Mafalda**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PONTUSCHKA, N. N. In: PICONEZ, S. C. B. (org). **A pratica de Ensino e o Estágio Supervisionado**. 19 ed. Campinas, SP. Papirus, 2010.

SILVA, I. C. **Humor gráfico: o sorriso pensante e a formação do leitor**. Natal: UFRN/RN. Dissertação de Mestrado, 2008.

SILVA, D. de B. M. **A charge em sala de aula**. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/5/03.htm>>. Acesso em: 14 Set. 2016.

SILVA, E. I. Temas Geográficos na Linguagem de quadrinhos. In: SILVA, E. I.; PIRES, L. M. (org). **Desafios da didática de geografia**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 215-233, 2013.

SILVA, E. I. **A linguagem dos quadrinhos na mediação do ensino de Geografia: charges e tiras de quadrinhos no estudo de cidade**. Goiânia, 2010. Tese de Doutorado em Geografia – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, 2010.

SILVA, E. I.; CAVALCANTI, L. A mediação do ensino-aprendizagem de Geografia, por charges, cartuns e tiras de quadrinhos. In: **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 28, n. 2, p. 141-156, jul./dez. 2008.

VERGUEIRO, W. Uso das HQS no ensino. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, V. (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 7-29.

VIEIRA, C. E; SÁ, M. G. de. Recursos didáticos: do quadro-negro ao projetor, o que muda? In: PASSINI, E. Y; PASSINI, R. MALYSZ, S. T. (ORG) **Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Editor Contexto, p. 101-116.2007.

Sobre os autores

Ykaro Felipe Sousa Silva - É licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás, Licenciado em Pedagogia pela Faculdade UniBF, especialista em Ensino de História e Geografia.

Welberg Vinicius Gomes Bonifácio - Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás. Licenciado em Pedagogia pela ISEED. Mestre em Ensino na Educação Básica (UFG) e Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo. É professor efetivo da Universidade Estadual de Goiás e da Secretaria Municipal de Educação de Goianira.

Recebido para publicação em junho de 2020

Aceito para publicação em maio 2021